

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Laboratório de Antropologia
NIGS (Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades)
NUR (Núcleo de Estudos de Modos de Subjetivação e Movimentos Contemporâneos – Linha
de pesquisa: Antropologia da Religião)

RELATÓRIO DO SEMINÁRIO
Ensino religioso, gênero e sexualidade em Santa Catarina

Elaborado por:
Tânia Welter, Maria Luiza Bettiol Carneiro, Fátima Weiss de Jesus

Colaboração:
Miriam Pillar Grossi, Maria Amélia Schmidt Dickie, Martina Ahlert, Rozeli Porto, Vinicius
Kauê Ferreira, Rosa Maria Rodrigues de Oliveira, Dina Mazariegos, Anelise Froes, Juliana
Cavilha Mendes Losso, Victoria Regina dos Santos, Paula Pinhal de Carlos e Gicele Sucupira

Sumário

01	Apresentação	02
02	Público Alvo	03
03	Da participação e certificação	03
04	Local e data	03
05	Comissão organizadora	04
06	Programação	04
07	Avaliações	18

01. Apresentação

O Seminário “Ensino religioso, gênero e sexualidade em Santa Catarina” surgiu com objetivo de divulgar os resultados de um projeto de pesquisa realizado por equipe da Universidade Federal de Santa Catarina tanto para o conjunto de professor@s, entidades, que foram envolvidos na pesquisa, quanto para um público mais amplo de profissionais e interessados nas áreas de Ensino Religioso, Gênero e Sexualidade. Este projeto teve como objetivo a análise da situação do Ensino Religioso no Estado de Santa Catarina, em especial no que diz respeito à veiculação de informações sobre gênero e sexualidade na prática efetiva dos professores nas escolas públicas estaduais. A pesquisa teve duração de um ano (2007/2008) e foi financiada pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) - Comissão de Cidadania e Reprodução (CCR), Programa de apoio a projetos em Sexualidade e Saúde Reprodutiva (PROSARE).

A equipe de pesquisa foi composta por integrantes oriundos de diversas áreas do conhecimentos e vinculados a dois núcleos de pesquisa do Laboratório de Antropologia da UFSC - o NIGS (Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades) e o NUR (Núcleo de Estudos de Modos de Subjetivação e Movimentos Contemporâneos – Linha de pesquisa: Antropologia da Religião) e coordenada pelas professoras Dras. Miriam Pillar Grossi e Maria Amélia Schmidt Dickie.

A pesquisa foi realizada em cinco regiões do Estado de Santa Catarina: Sul, Norte, Oeste, Vale do Itajaí e Grande Florianópolis. Nestas regiões, foram entrevistad@s vári@s professor@s de Ensino Religioso e de algumas outras disciplinas que têm trabalhado com as questões de gênero e sexualidade, atuantes em escolas estaduais previamente definidas, e aplicados questionários a alun@s de 5ª a 8ª série que freqüentam a disciplina de Ensino Religioso. Para conhecer o processo de formação dos professores de ER, foram entrevistados professor@s e coordenador@s dos Cursos de graduação em Ciências da Religião que foram ministrados na última década em Santa Catarina, bem como analisados os currículos destes cursos. Foram entrevistados também lideranças das instituições estaduais e nacionais ligadas ao Ensino Religioso como ASPERSC (Associação dos Professores de Ensino Religioso do Estado de Santa Catarina), CONER/SC (Conselho para o Ensino Religioso – Santa Catarina) e FONAPER (Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso).

02. Público Alvo

O Seminário contou com a presença de duzentas e quarenta e quatro pessoas, sendo lideranças vinculadas a entidades envolvidas no Ensino Religioso como ASPERSC e FONAPER, professor@s de diversas áreas do conhecimento das redes públicas (municipal e estadual) e privada de ensino, professor@s de ER nas séries finais do Ensino Fundamental, graduados ou graduandos em Ciências da Religião ou outros cursos, além de interessados nas temáticas de gênero e sexualidade.

03. Da participação e certificação

Os participantes interessados inscreveram-se no seminário diretamente no site www.nigs.ufsc.br (42 pessoas). Outros configuraram como “convidados” para participar do seminário, recebendo bolsas de apoio. Foram fornecidas duas modalidades de bolsas para um total de 101 professores e demais profissionais da educação: 1) Bolsa de apoio à hospedagem, inscrição e alimentação durante os dois dias do evento para os professores e demais profissionais da educação, vinculados a Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, oriundos das cidades de Itajaí, Criciúma, Joinville e Chapecó, e profissionais ligados a SED, ASPERSC e FONAPER, num total de 73 pessoas. A partir de uma parceria com a Secretaria da Educação de Santa Catarina, o transporte d@s professores e demais profissionais da educação vinculados a Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, da localidade de origem para Florianópolis (e vice-versa), também foi garantido. 2) Bolsas de apoio à inscrição (28 pessoas) fornecida a professores e demais profissionais da educação ligados a rede estadual e municipal de ensino.

A participação no seminário deu direito a certificado de atividade de extensão da UFSC no total de 16 horas com registro na Secretaria da Educação de Santa Catarina. Para obter o certificado foi exigida a presença em TODAS as sessões do seminário e participação na avaliação final do seminário.

04. Local e data

Todas as atividades do seminário foram realizadas nas dependências do Instituto Estadual de Educação (IEE) - Av. Mauro Ramos, nº 275, Florianópolis/SC - telefone (48) 3251.1800.

Data: 15 e 16 de agosto de 2008

05. Comissão Organizadora

Coordenação geral: Tânia Welter, Fátima Weiss, Maria Luiza Bettiol Carneiro

Secretaria Geral: Gicele Sucupira

Arte e divulgação: Carla Cabral e Jackson Adriano

Edição dos Anais: Tânia Welter, Carlos Uscátegui, Felipe Fernandes, Jackson Adriano, Sonia Dantas Pinto Guimarães

Coordenação geral das oficinas e Mini-curso: Maria Luiza Bettiol Carneiro

Coordenação dos monitores: Fátima Weiss de Jesus

Coordenação do Planejamento de futuras atividades em sala de aula: Sonia Dantas Pinto Guimarães

Monitor@s UFSC: Daniela da Silva Luiz, Francine Pereira Rebelo, Ralvison Silva Pinto, Sara Raquel Nacif Baião, Vinicius Kauê Ferreira, Giovanna Licia Triñanes, Liza Martins Silva, Victor Pêra Netto, Camila Bianca dos Reis, Paulo Francico Aguiar, Franco Delatorre, Rodrigo Rial, Caroline Gorski, Marina Monteiro, Rochele Demiski, Andréa Lisset, Eduardo Frigerio, Laura Goes

Monitor@s UDESC: Luiza Graeff, Paula Oliveira Camargo, Emirame Demaria Silva, Lara Kemper, Luana F. Peyrot, Glauco Wolff, Letícia Lazzari, Paula Regina Correa

Registro visual: Chiara Lemos M. Carvalho e Isadora Dickie

06. PROGRAMAÇÃO

Dia 15 de agosto de 2008 (sexta feira)

13 horas - Credenciamento e Inscrições

14:00 – 14:30 – Abertura OFICIAL do evento com a presença das seguintes autoridades:

- representando o magnífico reitor da UFSC, a Secretária da Cultura e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, Profa Maria de Lourdes Borges
- representando o Diretor de Ensino Fundamental da SED/SC, Antonio Elisio Pazzeto, Elcio Cechetti
- Diretora Administrativa Financeira do IEE, Gilda Mara Marcondes Penha
- Coordenadora do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Dra. Carmem Rial
- vice-chefe do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Dr. Alberto Groisman
- representante da diretoria ASPERSC, Walmor Alfen
- representante do FONAPER, Dolores Fontanive
- Coordenadora do projeto PROSARE (NIGS/NUR/UFSC), Dra. Maria Amélia Dickie

LOCAL: Auditório Pedro Bosco
 Cerimonial: Carla Cabral (NIGS/UFSC)¹

14:30 – 17:00 - Apresentação dos resultados do Projeto “**Ensino Religioso e gênero em Santa Catarina**” (PROSARE/CEBRAP)

LOCAL: Auditório Pedro Bosco
 Moderadora: Miriam Pillar Grossi (NIGS/UFSC)²

a) Maria Amélia Dickie (NUR/UFSC)³ e Tânia Welter (NUR/UFSC – UDESC)⁴ – A formação de professores em Ciências da Religião em Santa Catarina

b) Maria Luiza Bettiol Carneiro (NIGS/UFSC)⁵, Gicele Sucupira (NIGS/UFSC)⁶ e Fátima Weiss de Jesus (NIGS/UFSC)⁷ - Quem são os professores de Ensino Religioso em Santa Catarina?

¹ Tem doutorado em Educação Científica e Tecnológica (2006) pela Universidade Federal de Santa Catarina com a tese “O conhecimento dialogicamente situado: histórias de vida, valores humanistas e consciência crítica de professoras do Centro tecnológico da UFSC”, na linha de pesquisa educação tecnológica, orientada por Walter Antonio Bazzo. Sua dissertação foi realizada na mesma instituição, na linha de pesquisa literatura e memória sob orientação de Tânia Ramos e recebeu o título de “Cinco histórias, sete vidas: narrativas biográficas de Clarice Lispector”. É graduada em Comunicação Social-Jornalismo pela UFSC.

² Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1981), mestrado em Anthropologie Sociale Et Culturelle - Universite de Paris V (Rene Descartes) (1983), doutorado em Anthropologie Sociale Et Culturelle - Universite de Paris V (Rene Descartes) (1988) e pós-doutorado no Laboratoire d'Anthropologie Sociale do Collège de France (1996/1998). É professora adjunta IV da Universidade Federal de Santa Catarina desde 1989, foi representante da Área de Antropologia na CAPES (triênio 2001/2004) e Presidente da Associação Brasileira de Antropologia (gestão 2004/2006). Antropóloga atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, violência contra mulheres, homossexualidades e parentesco, ensino de antropologia, história da antropologia francesa e da antropologia brasileira.

³ Antropóloga, professora no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC. É coordenadora da Linha de pesquisa do Núcleo de. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase na relação entre Religião e Política, atuando principalmente nos seguintes temas: movimentos socio-religiosos, ensino religioso e macroecumenismo.

⁴ Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007), estágio doutoral na Universidade Nova de Lisboa (Portugal) entre setembro de 2005 e junho de 2006, licenciatura em Ciências Sociais (UFSC, 1988), especialização em Educação Sexual (UDESC, 1997) e Mestrado em Antropologia Social (UFSC, 1999). Atua como professora nos cursos de graduação em Biblioteconomia e Pedagogia da FAED/UDESC. Participa, desde 2007, de dois projetos de pesquisa: 01. "Ensino Religioso, Gênero em Santa Catarina", pesquisa coordenada pelas Dras Miriam Pillar Grossi (NIGS/UFSC) e Maria Amélia Schmidt Dickie (NUR/UFSC); 02. "A dinâmica das redes de sociabilidades no processo de desenvolvimento territorial sustentável – um estudo de caso em São Bonifácio/SC", pesquisa coordenada pelo Dr. Pedro Martins (UDESC).

⁵ Bacharel em Ciências Sociais (2007) com o Trabalho de Conclusão de Curso “Um toque de bola em pés femininos: um estudo sobre o futebol feminino em Florianópolis”.

⁶ Licenciada em Ciências Sociais, atuou como professora de Sociologia para o Ensino Médio e como coordenadora e professora de oficinas para jovens e professores/as, sobre temáticas gênero e sexualidades. Atualmente, é bolsista de iniciação científica vinculada ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades, coordenado pela Profª Drª Miriam Pillar Grossi. Como pesquisadora, tem desenvolvido pesquisas sobre gênero, educação e ciência

⁷ Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina (2007-2010) com o projeto de tese "Igreja Gay: etnografando cristianismos e (homo)sexualidades" sob a orientação da Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi. Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS-UFSC (2003) com a dissertação "As Mulheres sem tranças: uma etnografia do ministério pastoral feminino na IECLB" sob orientação da Profa. Dra. Maria Amélia S. Dickie. Licenciada e Bacharel em Ciências Sociais pela UFSC (1999-2000) com TCC intitulado "Mulher Luterana: Participação na Comunidade Evangélica de Florianópolis" sob orientação da Profa Maria Regina A. Lisboa. Desenvolve atividades na área de Antropologia com ênfase em relações de gênero, antropologia das religiões e sexualidades.

c) Martina Ahlert (NIGS/UFSC)⁸ - Observações sobre o Ensino Religioso em sala de aula do ensino fundamental

d) Felipe Mattos Monteiro (UFSC)⁹, Fernanda Cardozo (NIGS/UFSC)¹⁰ - Apresentação dos resultados da pesquisa quantitativa com alun@s da 5ª a 8ª série

17:00- 18:00 – Lanche de boas vindas

18:00 – 20:00 – **Mesa Redonda “Ensino Religioso e Gênero”**

LOCAL: Auditório Pedro Bosco

Moderadora: Dra. Mara Coelho de Souza Lago¹¹ (Coordenadora da Linha de Gênero do DICH/UFSC)

Participantes:

01. Dra. Maria Amélia S. Dickie (NUR/UFSC)

Tema: Ensino Religioso no Brasil

02. Dra. Lurdes Caron (CNBB)¹²

Tema: Ensino Religioso em Santa Catarina

03. Dra. Myriam Aldana Vargas (NIGS/UFSC - Unochapecó)¹³

⁸ Graduação em Ciências Sociais (2006) e mestranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina sob orientação da Dr.^a Prof.^a Miriam Pillar Grossi. Participa atualmente da rede Parceria Civil, Conjugalidade e Homoparentalidade e possui experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia urbana e estudos de gênero.

⁹ Graduação em Ciências Sociais (UFSC, 2005). Mestrando em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de Ciência Política e Sociologia, com ênfase em Políticas Públicas, atuando principalmente nos seguintes temas: Estado, Sociedade Civil e Indicadores Sociais.

¹⁰ Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006) com o Trabalho de Conclusão de Curso: Parentesco e Parentalidades de Travestis em Florianópolis/SC sob orientação da Dr.^a Prof.^a Miriam Pillar Grossi. Participa atualmente da rede Parceria Civil, Conjugalidade e Homoparentalidade e possui experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia urbana e estudos de gênero.

¹¹ Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1967), especialização em Planejamento de Recursos Humanos Em Santa Catarina pelo Organização dos Estados Americanos (1976) , especialização em Ciências Sociais - Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1978) , mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (1983) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1991). Atualmente é professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina e Membro de corpo editorial da Revista Estudos Feministas. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social. Atuando principalmente nos seguintes temas: Identidade, Modos de Vida, escolaridade e trabalho.

¹² Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Vale de Itajaí (1975), Mestrado em Teologia Prática, Linha de Pesquisa: Educação Cristã - pela Escola Superior de Teologia Instituto Ecumênico de Pós-Graduação de São Leopoldo - RS (1995) e Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC-SP. É membro do Grupo de Assessoria e Pesquisa de Ensino Religioso da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (GRAPER/CNBB) e da Comissão de Formação do Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso. Tem experiência na área de Educação e Ensino Religioso, com ênfase em Ciências Humanas, atuando principalmente na formação de professores, com os seguintes temas: História da Educação e do Ensino Religioso no Brasil e em Santa Catarina, educação, ensino religioso, currículo, formação e legislação. É integrante do Grupo de Pesquisa em Educação: Currículo da PUC-SP.

¹³ Doutorado em Interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil, com a Tese: Sexualidade e reprodução: da natureza aos direitos: a incidência da Igreja Católica na tramitação do Projeto de Lei 20/91 - aborto legal e Projeto de Lei 1151/95 - união civil, Ano de Obtenção: 2005, sob orientação de Joana Maria Pedro e Miriam Pillar Grossi. Mestrado em Ciências da Religião na Universidade

Tema: Ensino Religioso e Gênero

20:00 – 21:00 - **Apresentação Artístico Cultural** – Banda Vinegar Tom (UDESC): Carol Miranda (bateria), Claudia Mussi (teclado), Lívia Sudare (baixo), Luana Garcia (voz e Guitarra) e Renata Swoboda (voz e guitarra).

Dia 16 de agosto (sábado)

8:00 – 10:00 - **OFICINAS e MINI-CURSO sobre Ensino religioso, Gênero e Sexualidade**
 Coordenadora Geral das Oficinas e Mini-curso: Maria Luiza Bettiol Carneiro (NIGS/UFSC)
 Local: Salas de aula

Oficinas:

OFICINA 01. Famílias, gênero e sexualidades - Rosa Maria Rodrigues de Oliveira (NIGS/UFSC)¹⁴

Relato por Rosa Maria Rodrigues de Oliveira

A oficina contou com a presença de 25 professores. Iniciou às 8h15, com uma dinâmica de apresentação – “Auto-propaganda”, onde os participantes devem desenhar com lápis de cor um anúncio de si mesmos para sua apresentação. Todos participaram. Expliquei que a intenção seria também trabalhar com vivências que possibilitassem o uso em sala de aula, e me comprometi a encaminhar a tod@s os roteiros das dinâmicas utilizadas. Tod@s estava muito receptiv@s e demonstraram naquele momento sensibilização para o trabalho. Muitos são de Joinville.

Dividi em seguida, após as apresentações, a turma em grupos de 05 pessoas, para trabalhar com a “Dinâmica do Banco de Recursos”. Li sete histórias e os grupos escolheram as de número 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

Notei que um dos professores estava bem resistente e agressivo durante esta dinâmica, que seria a central para trabalhar com o tema. Este professor em dado momento saiu para a rua para fumar e me aproximei. Ele se queixou de que ‘esta discussão não tem fim’, fez mais algumas queixas sobre homossexualidade entre os alunos (seu grupo por sugestão dele havia escolhido o caso do menino que é pego na escola com brincadeiras sexuais com um coleguinha – o ‘troca-troca’), tentando me expressar sua irritação com a ‘inutilidade da discussão’. Ele acrescentou que não queria se expor no grupo pois estava “com sua diretora” entre os pares e sentia-se mal para dela discordar. Expliquei que era só um exercício e que dentro da oficina eles não estavam na mesma condição hierárquica que no cotidiano. Sua performance no grupo foi um pouco perturbadora: ao apresentar as soluções para o caso que ele orientou ao grupo assumir, disse coisas como “se eu pegar dois garotos se beijando o que posso fazer? Digo que pega sapinho”. Os demais grupos utilizaram cartazes para expressar

Metodista de São Paulo, UMESSP, 1994. Graduação em Sociologia. Universidade Santo Tomas de Aquino Bogotá, USTA, Colômbia. Atualmente é professora titular da Universidade Comunitária Regional de Chapecó. Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em Políticas Públicas, Relações de Gênero.

¹⁴ Doutoranda em Interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil, com o projeto de tese: Discursos do poder judiciário sobre conjugalidades homoeróticas no Brasil contemporâneo, sob orientação da Dr.^a Prof.^a Miriam Pillar Grossi. Mestrado em Direito na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil, com a dissertação: O Homoerotismo perante o ordenamento jurídico: para uma crítica da razão androcêntrica, Ano de Obtenção: 2002, sob orientação de Jeanine Nicolazzi Philippi. Graduação em Ciências Jurídicas e Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil. Atua no NIGS desde 2004, principalmente nos seguintes temas: homoerotismo, conjugalidades homossexuais, pluralismo jurídico, gênero e androcentrismo.

suas soluções para os casos apresentados. Sobre as soluções para as estórias, uma que me chamou a atenção no contexto foi a sugestão de utilizar um filme evangélico (do personagem Smilingüido) para abordar temas sobre sexualidade com as crianças. Uma das professoras sugeriu trabalhar no sentido de ‘esclarecimentos’ sobre sexualidade com as adolescentes – notei uma tendência geral de infantilizar os sujeitos quando o assunto é homossexualidade, em algumas falas, confundindo crianças e adolescentes. Num outro grupo, que escolheu a estória 05, do professor gay, o grupo relatou um caso real acontecido numa das escolas nas quais os professores trabalham. Para a avaliação, utilizei cartões com figuras que as pessoas recolhiam aleatoriamente, e despedimo-nos. Alguns professores não conseguiram ficar até o final, cumprindo com o ritual de falar sobre o cartão e saindo, o que provocou a reação de alguns presentes, que destacaram a importância de saber ouvir o outro.

OFICINA 02. Contracepção, Gravidez e Aborto – Paula Pinhal de Carlos (NIGS/ UFSC)¹⁵ e Gicele Sucupira (NIGS/UFSC)

Relato por Paula Pinhal de Carlos e Gicele Sucupira (oficineiras)

Esta oficina tratou da temática da gravidez, da contracepção e do aborto por meio de dinâmicas que suscitem discussões sobre os temas. Dentre as questões que serão problematizadas estão: a gravidez na adolescência, novas tecnologias reprodutivas, amor materno e papéis de gênero.

Atividades

1. Apresentação: Por meio de um desenho, @s participantes desenharam algo que expressasse um pouco da sua prática na escola relacionando-a aos temas da oficina: contracepção, gravidez e aborto.

2. Palavras: Num primeiro momento, cada participante escreveu em cartões em no máximo duas palavras o que lhe vinha à mente quando se falava em gravidez. Em seguida, os cartões foram colados em um lugar visível a tod@s. Num segundo momento, @s participantes escreveram em outros cartões palavras que vinham à mente quando se falava em aborto. Esses cartões também foram expostos.

As palavras mencionadas foram as seguintes:

Referentes a gravidez – vida (3x), amor (2x), ilusão/paixão, plenitude, maternidade, alegria, milagre

¹⁵ Doutoranda em Interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil, com a Tese: Adoção por homossexuais e legitimação da homoparentalidade pelo Poder Judiciário, sob orientação da Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi. Mestrado em Direito na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil, com a Dissertação: Aborto por grave anomalia fetal: discursos jurídicos acerca da gestante, Ano de Obtenção: 2007, sob orientação do Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto. Graduação em Ciências Jurídicas e Sociais. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil, com Trabalho de Conclusão de Curso: A reprodução das desigualdades de gênero no discurso dos julgadores e a vítima mulher frente ao sistema penal, sob orientação do Prof. Ms. Roque Soares Reckziegel. É pesquisadora da Associação Direito, Bioética e Solidariedade, atuando nos projetos de pesquisa "Violência sexual intrafamiliar praticada contra meninas adolescentes: a eficácia do tratamento dispensado pelo Poder Judiciário ao agressor", coordenado pela Profa. Dra. Maria Claudia Crespo Brauner e "Terapia celular humana: limites e possibilidades de ordem ética e jurídica", executado conjuntamente com a Pontifícia Universidade Católica do Paraná e coordenado pela Profa. Dra. Jussara Maria Leal de Meirelles, projetos estes financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direitos Humanos, Direitos Sexuais e Reprodutivos, Estudos de Gênero, Bioética e Filosofia do Direito.

Referentes a aborto - tristeza, despreparo, falta de consciência, ceifar, irresponsabilidade, sofrimento, desespero, fim

3. Histórias sobre gravidez, contracepção e aborto:

Então, foram distribuídos depoimentos sobre os temas, retirados da internet, para que o debate fosse suscitado entre os participantes. As histórias utilizadas falavam de mulheres que não conseguiam engravidar e que recorreram a novas tecnologias conceptivas ou à adoção, mulheres que foram mães solteiras, mulheres que foram mães na adolescência, mulheres que decidiram abortar e mulheres que resolveram dar continuidade à sua gestação, apesar das dificuldades que enfrentariam. Além disso, foi utilizado o depoimento de um adolescente no qual ele relatava como foi difícil contar aos seus pais que sua namorada estava grávida.

Considerações sobre a oficina

Para @s participantes, o grau de instrução pareceu significativo para a ocorrência de gravidez na adolescência e pela decisão por um aborto. Enquanto professor@s, afirmaram não entenderem por que @s alun@s não utilizam devidamente os métodos contraceptivos, se têm acesso a eles e sabem como funcionam. O valor da maternidade foi discutido e muitas mulheres contaram sobre suas experiências. Foi trazida também a experiência de uma das participantes, que não teve filhos, mas que exerce a maternidade de outra forma, ao ser catequista na sua igreja. A religiosidade apareceu com frequência nos depoimentos. Deus foi muito citado, assim como foram feitas menções ao destino. Foi dito por uma das participantes que sofreu um aborto espontâneo isso ocorreu porque não era a hora certa para que tivesse um filho. Por fim, cabe mencionar que havia apenas um homem na oficina que, infelizmente, não teve contribuições muito significativas acerca do papel dos homens em relação a esses temas. Ele limitou-se a afirmar que os pais também querem hoje participar na criação dos filhos.

OFICINA 03. Conversando sobre DST/Aids – Anelise Froes da Silva (NIGS/UFSC)¹⁶ e Dina Mazariegos (NIGS/UFSC)¹⁷

Relato por Dina Mazariegos e Anelise Froes da Silva

Com a participação de cinco educadores, optamos por adaptar a técnica que seria utilizada, mas manter a idéia inicial de construir com eles os temas a serem tratados, valorizando sua realidade em sala de aula, e suas dúvidas. Os educadores presentes, quatro, e mais uma acadêmica de Filosofia e Ciências da Religião, eram de áreas diversas, Biologia, Artes, uma diretora de escola e uma professora de Ensino Religioso. A participação de diversos monitores, tanto da UFSC quanto da UDESC foi de grande valor, porque além de auxiliarem nas discussões, eles aceitaram a integração proposta, e fizeram parte dos grupos, e do debate posterior.

Logo no início, foi feita uma apresentação tanto dasicineiras quanto dos

¹⁶ Mestranda do PPGAS/UFSC, trabalha há 14 anos com prevenção de Aids, e temas ligados à sexualidade, saúde pública, DSTs, educação e formação de agentes comunitários de saúde.

¹⁷ Mestranda do PPGAS/UFSC, trabalha há 10 anos com prevenção de Aids, e temas ligados a gênero, educação, violência contra as mulheres e organização na Guatemala, América Central.

participantes, onde cada um deveria dizer brevemente nome, qual a área de atuação, cidade. Informações mais gerais, para depois trabalharmos com as expectativas em relação à temática da oficina em si.

Então, foi solicitado que cada um escrevesse, em pequenos cartões distribuídos individualmente, quais suas expectativas perante a atividade a ser desenvolvida. Poderia ser uma frase, uma palavra, o que fosse, desde que resumisse o que cada um havia ido “buscar” ao se inscrever na oficina sobre DST/Aids. Uma vez recolhidos, estes cartões foram colocados no quadro, para serem lidos e comparados com os problemas e soluções apontados, ao fim da atividade.

Após este momento, formamos grupos com educadores e monitores, o que suscitou discussões interessantes, já que de um lado estavam alunos, e de outros professores, e as trocas, enquanto passávamos pelos grupos, foram intensas.

Cada grupo devia escrever em outros cartões seus maiores problemas diante da temática, e apresentar, para seu grupo, questões relevantes sobre isso.

Depois cada grupo entregou seus cartões, e foi feita uma rodada de discussão, comparando as expectativas apresentadas antes, e os problemas que surgiram. Fizemos uma leitura coletiva do que foi apresentado, e colocamos cada cartão de problema numa pequena árvore. Então, abrimos espaço para que cada grupo falasse a todos o que haviam selecionado como maiores problemas, e cada um pode dar sugestões, opiniões, contar como é a sua realidade. Cabe ressaltar que as questões listadas como “expectativas” foram todas elencadas na listagem dos problemas, entre as quais: falta de conhecimento do assunto, dificuldade de lidar com o tema em sala de aula, por resistência da escola, falta de acompanhamento continuado e de capacitações na área de saúde, especificamente DST/Aids. As mais importantes dúvidas e questionamentos surgidos, estão a seguir.

REFLEXÕES

Quando solicitados para descrever suas expectativas, os educadores escreveram: aprender, tirar dúvidas, saber como agir, como articular o trabalho da escola com as famílias. E os maiores problemas apontados também foram nessa direção, sobre questões muito mais estruturais e práticas, de associar práticas de ensino às questões de sexualidade, doenças e informações continuadas quanto à isso. Uma das educadoras relatou um caso em sua escola, onde uma criança de sete anos tem HIV, e costuma sangrar com frequência. Sua grande dúvida era relativa ao que fazer neste caso, se deveria contar aos pais das outras crianças, e como lidar com a criança.

No que tange às questões de prevenção, formas de transmissão do HIV, todos pareceram bastante informados. Uma das educadoras contou que durante um tempo, acadêmicos de enfermagem fizeram atividades na escola, com palestras, capacitações diversas, mas foi uma parceria breve. Uma das educadoras, da área de Biologia, ressaltou que seus alunos têm curiosidades várias, mas nem sempre é possível encaixar o que eles querem saber no conteúdo programático da disciplina, e a escola tem resistência a atividades extra-classe, e especificamente que abordem temas que podem levar “incômodos às famílias”. Entre estes temas, sexualidade, homossexualidade, Aids, doenças sexualmente transmissíveis.

Dina contou um pouco de sua experiência na Guatemala, onde desenvolvia atividades como educadora popular, também na área de DST/Aids. E falou sobre as diferenças entre o Brasil e seu país, já que no Brasil, além de ser um país mais liberal, também há mais acesso à informações, comprometimento do poder público com saúde, programas estruturados de prevenção de Aids, tratamentos são disponibilizados. Com isso, ela reforçou a importância de eventos como o Seminário, onde é possível trocar experiências e buscar coletivamente soluções (ou pelo menos apontar caminhos para solucionar o que for mais grave) para os problemas que muitas vezes podem ser comuns a todos, e acabam ficando no âmbito restrito

de uma escola ou município.

Outros problemas foram relatados como a falta de empenho da Secretaria de Educação em liberar os professores para atividades de capacitação, e o desinteresse de alguns colegas em participar quando algo acontece.

Foi solicitado que as oficinas fossem repetidas, e que se pudesse fazê-las maiores, no sentido de capacitar realmente os educadores, principalmente no que diz respeito à legislação brasileira sobre DST/Aids, sobre formas de prevenção com crianças e adolescentes, sobre como associar sexualidade adolescente e prevenção. Uma das educadoras também enfatizou sobre a importância de “pessoas de fora” da comunidade escolar fazerem palestras para os alunos, já que seriam atividades fora da aula normal, sem o caráter obrigatório que as aulas de ciências e biologia tem para eles e, portanto, mais fáceis de serem apreendidas.

Muitas idéias nasceram e foram trocadas durante o tempo da oficina, mas ficou bastante claro que os maiores problemas para quem é educador, e precisa lidar com sexualidade, Aids, homossexualidade, é muito menos a falta de disponibilidade, mas realmente um problema de instrumentos, técnicas, construções coletivas de atividades, e integração entre família e escola, onde todos possam estar conscientes da importância destes assuntos, e olhando uns para os outros como responsáveis pela educação e o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, sem desconfianças e temores.

OFICINA 04. Relações de Gênero e Sexualidade – Juliana Cavilha Mendes Losso (NIGS/UFSC)¹⁸ e Fátima Weiss de Jesus

Relato por Juliana Cavilha Mendes Losso

I. RESUMO E OBJETIVOS

Nesta oficina pretende-se sensibilizar @s professor@s, inicialmente para as diferentes correntes dos estudos de gênero. Em seguida realizar uma reflexão sobre modelos de masculinidade e de feminilidades a partir das experiências do cotidiano nas escolas, e, na continuidade, uma discussão de como o gênero é construído ao longo da trajetória de vida de um indivíduo. E, finalmente, sugerir uma reflexão sobre os espaços de construção de identidade de gênero no mundo ocidental.

II. PARTICIPANTES

Professores da rede estadual de ensino de Santa Catarina, com 18 inscrito@s, sendo 15 mulheres e 3 homens.

III. PROCEDIMENTOS UTILIZADOS

A primeira atividade consistiu na solicitação de que tod@s ali presentes escrevessem individualmente e rapidamente numa folha, as primeiras palavras e ou adjetivos, expressões que pensam imediatamente ao serem questionados com a seguinte demanda: "o que primeiro

¹⁸ Doutorado em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil com a Tese: Cidade, Memória e desregramentos da carne numa ilha no Sul do Brasil: um estudo antropológico sobre memória, territórios, riscos e cotidiano de Mulheres Profissionais do Sexo nas regiões centrais da cidade de Florianópolis sob orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha. Mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil, com a Dissertação: Histórias de Quartel: Um Estudo de Masculinidades com oficiais fora da ativa, Ano de Obtenção: 2002 sob orientação da Dr.^a Prof.^a Miriam Pillar Grossi. Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil. Atualmente é professora da Faculdade Barddal. Tem experiência na área de Antropologia. Atuando principalmente nos seguintes temas: Universo Militar, Masculinidade, Memória.

vem a cabeça quando se fala em ser homem e ou ser mulher". Tod@s participantes escreveram e entregaram a monitora Lisa.

Na segunda atividade foi realizada uma apresentação em dupla, a partir de um roteiro com as seguintes questões: Nome, cidade, disciplina pelo qual é responsável na escola, quanto tempo de sala de aula, estado civil, filhos, porque do interesse na oficina.

Em seguida uma exposição sobre os significados e origem dos estudos de gênero que perpassou os seguintes tópicos:

- Breve história do movimento feminista e das lutas libertárias dos anos 60;
- As discussões sobre os "Estudos da Mulher" até os "Estudos de Gênero";
- Discussão sobre o biológico versus o cultural e suas implicações na trajetória de vida d@s sujeit@s;

- As masculinidades e as feminilidades e a construção destas categorias;
- Conceitos importantes: sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre homens e mulheres. Gênero é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade, são os papéis sexuais. A identidade de gênero é uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada. E a sexualidade é um conceito contemporâneo para se referir ao campo das práticas e sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos. (GROSSI, 1998)

4. Dando continuidade a oficina, passou-se a exibição do curta: "Acorda Raimundo Acorda";

5. Após, uma discussão sobre o filme exibido, o que levou a uma interessante reflexão sobre as concepções de masculinidades e de feminilidades, além de questionamentos sobre situações experimentadas no cotidiano da sala de aula;

6. Enquanto isso foram colocadas no quadro, em duas colunas as respostas d@s participantes na primeira atividade da oficina - sobre percepções sobre o que é ser mulher e ser homem. As respostas foram as mais diversas, desde: pureza, sensibilidade, ternura, maternidade para o feminino e poder, trabalho e força para o masculino. A partir da análise em conjunto das respostas, a oficina encaminhou-se para o encerramento, momento em que houve um grande questionamento sobre os papéis do masculino e do feminino nas relações do cotidiano dest@s professor@s.

7. Ao final da oficina, pedi para que refletissem sobre duas questões: 1. Quais eram as práticas de feminilidades e de masculinidades que eram estimuladas e também reprovadas na escola em que lecionavam? 2. Quais tipos de xingamentos mais frequentes e comuns entre seus / suas alun@s e em que momentos estes xingamentos aconteciam?

IV. AVALIAÇÃO

O grupo era homogêneo e apresentou disposição e bom envolvimento durante todas as atividades. Portanto, considero positiva a avaliação da oficina de Relações de Gênero e Sexualidade.

OFICINA 05. Violências de gênero, segurança pública e homofobia – Victoria Regina dos Santos (LEVIS/UFSC)¹⁹

Esta oficina discutiu as relações de gênero e a violência no Brasil, considerando a complexidade existente na interação entre estes aspectos e destacando-se a legislação e a intervenção pública na violência de gênero especialmente nos casos de homofobia.

¹⁹ Psicóloga Clínica (1985), com especialização Sistêmica e mestrado em Antropologia Social (2001), dedicada às pesquisas e intervenções no campo da segurança pública, especificamente na área da violência de gênero, atendimento psicológico, intervenção policial, homofobia e aspectos organizacionais e do trabalho. Tem experiência em capacitação, treinamento e formação de policiais, professores e profissionais do ramo hoteleiro e comercial.

Relato por Victoria Regina dos Santos

As atividades da oficina iniciaram dentro do horário previsto. Estando presentes na sala 10 participantes.

Estrutura da oficina:

- 1- Informações gerais sobre o roteiro da oficina e introdução do tema.
- 2- Assinatura da lista de presença.
- 3- Atividade em duplas visando mobilizar a discussão sobre confiança, segredo, denúncia, proteção e defesa dos direitos e outros apresentados pelo grupo, vinculados ao tema das violências de gênero e as intervenções de segurança pública. (Material utilizado - 5 faixas para vedar os olhos. Desenvolvimento -cada dupla deverá caminhar livremente, sendo que um está de olhos vendados e o outro não pode falar. Após o tempo determinado, trocam as posições e ao fim do tempo, retornam para a sala).
- 4- Apresentação e relato individual sobre a atividade.
- 5- Comentário geral articulado à exposição de dados sobre o tema.
- 6- Atividade em pequenos grupos objetivando exemplificar uma forma de tratar dessas questões na escola. (Material utilizado para cada sub-grupo - um metro e meio de papel craft, três pincéis atômicos de cores diferentes, 1 uma folha de cartolina e uma tesoura. Desenvolvimento - no primeiro passo o pequeno grupo elege o significado ou os significados de violência e escreve a cartolina recorta e cola no papel craft. No segundo, com cor diferente escreve diferentes formas de violência e cola no papel craft ao lado da colagem anterior. Nesta etapa o professor pode solicitar aos alunos que discutam entre si permitindo uma abordagem ampla da questão.). Por último, o grupo anota as possibilidades de intervenção conhecidas e esperadas, levantando proposições.

Comentários gerais:

Após a apresentação individual e comentários, permeados de grande carga emocional, sobre a vivência. Na seqüência, discutiram-se os temas esperados, principalmente a confiança como aspecto importante a efetivação das denúncias, por tratar-se de situações geralmente circunscritas em ameaças. Abordou-se em seguida os processos de intervenção encontrados, as dificuldades, as possibilidades e proposições.

O grupo enfatizou que o descrédito das instituições e as atitudes desde preconceituosas ou desinformadas, ou negligentes dos professores, policiais, e familiares dificultam o relato da vítima e testemunhas. Considerou importante e necessária a capacitação dos interventores como forma direta de prepará-los adequadamente para a intervenção primária. Entre os interventores que considero primários, os professores tem sido os principais escolhidos pelas crianças e adolescentes para suas denúncias.

Na atividade final, formaram-se dois sub-grupos, que após ter seguido os passos propostos, enfatizou a necessidade de capacitação permanente, sendo que especificamente para os participantes desta oficina, sugeriram um aprofundamento. Antes de encerrar, solicitou-se à monitora que afixasse os trabalhos na recepção do evento.

OFICINA 06. Travestilidades e homossexualidades – Felipe Fernandes Martins Fernandes²⁰ e Fernanda Cardozo

Esta oficina buscou problematizar as identidades de gênero e as identidades sexuais, entendidas como construções sociais e históricas. Considerava-se importante que, após a realização das atividades da oficina, @s participantes deveriam ser capazes de: construir bases teóricas para abordagens das travestilidades e das homossexualidades na sala de aula; apresentar criticamente as concepções que ordenam as travestilidades e homossexualidades na contemporaneidade; problematizar os marcadores evocados para nomear as travestilidades e as homossexualidades; estimular a reflexão crítica no que tange à importância da separação entre crenças individuais e suas responsabilidades como educadores da rede pública; avaliar coletivamente as formas de encaminhamento tomadas quando interpelad@s com uma situação que envolveu questões relacionadas às travestilidades e às homossexualidades.

Mini-curso: História da Sexualidade: uma panorâmica sobre o século XX – Dr. Tito Sena (UDESC)²¹ – Local auditório

Este mini-curso apresentou, de maneira sucinta, os principais enfoques contemporâneos sobre a sexualidade. Destacará os principais discursos produzidos no século XX que contribuíram para disseminar formas não apenas de um agir sexual, mas de um falar e pensar sobre sexo, legitimados pela ciência sexual e mediados pela verdade.

10:00 – 10:30 – Lanche

10:30 – 12:00 - **RELATOS de experiências pedagógicas bem sucedidas sobre gênero e sexualidade no Ensino Religioso**

LOCAL: Auditório Pedro Bosco

Moderador: Martina Ahlert (PPGAS/UFSC)

1. **Natália Cristina de Oliveira Menegetti** (Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina)²²

²⁰ Doutorando em Interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil, com o projeto de Tese: Corpo, Gênero e Sexualidade na Escola: uma análise das políticas educacionais vinculadas ao programa federal Brasil Sem Homofobia, sob orientação da Dr.^a Prof.^a Miriam Pillar Grossi. Mestrado em Educação Ambiental na Fundação Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Brasil, com a Dissertação: Muito Prazer, Sou CELLOS, Sou de Luta: A Produção da Identidade Ativista Homossexual, Ano de Obtenção: 2007, sob orientação de Paula Regina Costa Ribeiro. Graduação em Ciências Biológicas. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, Brasil. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Estudos de Gênero, atuando principalmente nos seguintes temas: educação ambiental, gênero, homossexualidades, sexualidade e ativismo social.

²¹ Doutor em Ciências Humanas, título obtido em 2007 pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1994), graduação em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Catarina (1982) e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Atualmente é professor colaborador da Universidade do Estado de Santa Catarina. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Sexual, atuando principalmente nos seguintes temas: sexualidade, discurso, educação, educação sexual e subjetividade. Possui título de Especialista em Psicologia Educacional e Escolar concedido pelo CFP em 2001 e Especialista em Educação Sexual pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1998). Atua como pesquisador colaborador do IEG - Instituto de Estudos de Gênero e do Núcleo de Pesquisa Margens - Modos de Vida, Família e Relações de Gênero da UFSC. Na UDESC atua como pesquisador colaborador do GEDIN - Grupo de Pesquisa em Educação Infantil.

2. Ismael Junior da Silva – (Professor ER de Chapecó)²³

Considerações: por Martina Ahlert, moderadora

Esta mesa se propunha apresentar experiências pedagógicas que envolvessem as temáticas de gênero e sexualidade nas escolas, especialmente nas aulas de Ensino Religioso. Dois relatos de experiências foram apresentados na Mesa. O primeiro deles remetia a uma experiência na cidade de Chapecó/SC, na Escola Coronel Lara Ribas e foi apresentado pelo professor de Ensino Religioso Ismael Junior da Silva. Ismael relatou sobre o Projeto Interdisciplinar chamado “Ser feliz é conviver com quem você ama”, desenvolvido na Escola. Tal projeto buscou trabalhar com o tema da sexualidade a partir de uma interlocução entre as famílias dos alunos, os alunos e a escola. Relacionou ainda, diversos professores em torno da temática sexualidade. O projeto proporcionou diversos momentos de troca entre a família e a escola, culminando em uma gincana envolvendo os pais e responsáveis dos alunos.

Na parte seguinte, Natália Cristina de Oliveira Menegetti apresentou uma experiência de metodologia utilizada em sala de aula. Neste sentido apresentou a atividade “Leitura de Imagens”, sendo considerada uma metodologia que capta o interesse dos alunos. Trata-se de uma seqüência de imagens exibidas em Power Point, neste caso, sobre Sexualidade e Corporeidade. As imagens buscavam um estranhamento da idéia de beleza e corpo (seriam: ‘As Três Graças’ – período Greco-romano; ‘As Três Graças’ – imagem do século XVII; o nu artístico contemporâneo e a ‘Vênus de Willefort’, considerada a mais antiga imagem feminina encontrada).

Por fim, a Mesa foi acompanhada de debate e discussão entre a platéia e os expositores, resultando em um compartilhar de experiências e de outros relatos vivenciados pelos professores.

12:00-13:30 – Almoço

13:30-15:15 – **Mesa Redonda “Gênero, Sexualidades e Homossexualidades”**

Moderadora: Rozeli Porto (NIGS/UFSC)²⁴

LOCAL: Auditório Pedro Bosco

²² Socióloga, Educadora, Especialista em Metodologias de Atendimento da Criança e do Adolescente em Situação de Risco pela Universidade Estadual de Santa Catarina/UNESC, Articuladora das ações do Núcleo de Educação e Prevenção/NEPRE da Gerência de Educação da Grande Florianópolis/SC e uma das responsáveis pelo Ensino Religioso na Gerência de Educação da Grande Florianópolis/SC.

²³ Graduação em Pedagogia (UNESC), Graduando em Ciências da Religião (UNOCHAPECÓ), Pós-graduação em Gestão escolar pela CELLER Faculdades, Atuação profissional: Professor ER desde 2005 em Chapecó. Atualmente é professor de ER na EEB Alécio A. Cella, Coronel Lara Ribas e Luiza Santin.

²⁴ Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil, com o projeto de Tese: Legal e seletivo? sob orientação da Dr.^a Prof.^a Miriam Pillar Grossi. Mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil, com a Dissertação: Gravidez e Relações Violentas: Representações da Violência Doméstica no Município de Lages - SC., Ano de Obtenção: 2002, sob orientação da Dr.^a Prof.^a Miriam Pillar Grossi. Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil com o Trabalho de Conclusão de Curso: A Construção da Identidade do Médium em Centros Espíritas Kardecistas, sob orientação de Alberto Groisman. Desenvolve atividades na área de Antropologia, com ênfase em Violência Contra Mulheres, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, antropologia, violência doméstica, mulheres, aborto e feminismo.

1 - Dr. André Musskopf (EST/São Leopoldo)²⁵

Tema: Homossexualidades e Religião

2 - Dra. Jimena Furlani (UDESC)²⁶

Tema: Sexualidade e Gênero na escola

3 – Doutoranda Rosa Maria Rodrigues de Oliveira (DICH/UFSC)

Tema: Famílias na contemporaneidade: Sexualidades e Demandas Judiciais por reconhecimento

Considerações: por Rozeli Porto, moderadora

O tema "Famílias na contemporaneidade: Sexualidades e Demandas Judiciais por reconhecimento" discutido na Mesa Redonda "Gênero, Sexualidades e Homossexualidades" impõem vários desafios à sociedade. O primeiro e talvez o mais importante seja o de combater os preconceitos existentes na intersecção entre religiosidade, sexualidade e educação. A partir de diferentes olhares os integrantes da mesa André Musskopf (Doutor em Teologia), Jimena Furlani (Doutora em Educação) e Rosa Oliveira (Mestre em Filosofia do Direito e Doutoranda em Ciências Humanas) provocaram diversas reflexões traduzindo a importância da interdisciplinaridade para esta instigante discussão. Afinal, conforme destacado por André Musskopf, seria o Ensino Religioso (ERE) o instrumento para a superação dos preconceitos? Um espaço libertador? E em caso positivo como fazê-lo? Jimena Furlani questiona quais seriam os novos paradigmas do ensino no século XXI? Que escolas precisaríamos ter? Os estudos de gênero não deveriam estar aí contemplados? Ao mesmo tempo, Rosa Oliveira anuncia outros desafios neste campo ao lembrar das demandas judiciais por reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo, questionando o que levaria determinados sujeitos a demandar equiparação de direitos de família? Destaca-se que os filhos destes casais (adotados ou inseminados) ocuparão espaços escolares onde o ERE é e será difundido. Por isso a importância deste seminário organizado pelo NIGS/NUR/PPGAS/UFSC: refletir criticamente sobre os avanços e desafios impostos pelo tema que se mostra multidisciplinar e central no debate contemporâneo.

15:15 – 16:15 – Planejamento de futuras atividades em sala de aula

Local: Salas de aula (as mesmas das oficinas)

Coordenação: Sonia Dantas Pinto Guimarães²⁷

²⁵ Graduação (2001), mestrado (2004) e doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2008). Realizou intercâmbios de estudos nos Estados Unidos e Canadá. Membro da Academia Americana de Religião, do Encuentro de Grupos Cristianos GLTTB del Cone Sur e do Núcleo de Pesquisa de Gênero-IEPG/EST. Atualmente é coordenador do Núcleo de Diversidade Sexual e do Grupo de Celebração Ecumênica Inclusiva no ASPA (Apoio Solidariedade e Prevenção à Aids). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Histórica e Sistemática, atuando principalmente nos seguintes temas: homossexualidade, teoria queer, teologia gay, masculinidade e gênero.

²⁶ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). Graduada em Ciências Biológicas pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina (Bacharelado em 1988, Licenciatura em 1992). Mestre em Educação pela UFSC (1993). Professora Efetiva da UDESC (Univ. do Estado de Santa Catarina) desde 1994, no Centro de Ciências Humanas e da Educação, no Curso de Pedagogia. Tem experiência na área de Educação, Currículo e Didática, com ênfase na formação de educadoras/res para Educação Sexual, atuando principalmente nos seguintes temas: sexualidade infantil, adolescente e adulta; formação e educação continuada de educadoras/res sexuais; relações de gênero, sexualidade e relações-étnico raciais; representação e desconstrução. Têm como referenciais teóricos os Estudos Culturais e Estudos Feministas na perspectiva pós-estruturalista de análise.

Responsáveis: Fátima Weiss de Jesus, Felipe Fernandes, Martina Ahlert, Gicele Sucupira, Paula Pinhal, Rozeli Porto, Dina Mazariegos, Anelise Froes, Fernanda Cardozo, Juliana Cavilha

Considerações por Fátima Weiss de Jesus

Os participantes do evento reuniram-se em 24 grupos de, em média, 5 pessoas para realizar a atividade de planejamento em grupo.

O objetivo desta atividade era trazer para o dia-a-dia da sala de aula os temas e conteúdos debatidos durante o Seminário Ensino Religioso, Gênero e Sexualidade em Santa Catarina. Como exercício prático, propomos aos participantes desta atividade que realizassem um plano de aula coletivo com base na leitura crítica de uma notícia veiculada na mídia sobre temas como: Aborto, Discriminação e Gênero, Doenças Sexualmente Transmissíveis, Gravidez na Adolescência, Catolicismo e métodos contraceptivos, Violência contra a mulher, Homossexualidade, Homofobia, Adoção por homossexuais, Novas configurações familiares, Iniciação sexual entre outros que permeavam as temáticas gerais do seminário e as tratadas especificamente durante as oficinas.

As notícias foram previamente selecionadas e não se repetiram em nenhum grupo, assim tivemos como resultado mais de 20 planos de aula realizados em grupo, que serão disponibilizados no site do seminário.

Para a realização das atividades os participantes tiveram que escolher um coordenador, realizar leitura e debate acerca da notícia e elaborar um plano de aula estruturado da seguinte forma:

- 1) Disciplina e série à qual o conteúdo seria direcionado;
- 2) Tema(s) a ser(em) abordado(s);
- 3) Objetivo(s) a alcançar;
- 4) Conteúdo(s) específico(s);
- 5) Metodologia/Recurso(s) didático(s);
- 6) Avaliação.

A atividade foi muito bem recebida pelos participantes que elaboraram, em alguns casos, planos interdisciplinares e projetos de trabalho, ampliando a possibilidade de abordagem dos temas em sala de aula.

16:15 – 16:45 - Intervalo com lanche

16:45 – 17:30 – **Conferência – “O Conceito de gênero na sala de aula”**

Moderadora: Carla Cabral

Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi

17:30 – **Avaliação Final e Encerramento**

Mesa composta por Maria Amélia Dickie (pelo projeto), representante da ASPERSC (Adecir Pozzer), SED/SC (Elcio Cechetti) e FURB (Luis Dietrich)

²⁷ Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975) e mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992).

07. AVALIAÇÕES:

I - METODOLOGIA

A avaliação do seminário foi uma das atividades desenvolvidas pela organização do mesmo. Miriam Pillar Grossi e Maria Amélia Dickie elaboraram a Ficha de Avaliação (item II) que foi distribuída de forma impressa aos participantes e preenchida de forma anônima.

II - FICHA DE AVALIAÇÃO

Universidade Federal de Santa Catarina
 Centro de Filosofia e Ciências Humanas Laboratório de Antropologia
 NIGS e NUR (Linha de pesquisa: Antropologia das Religiões)
 SEMINÁRIO Ensino religioso, gênero e sexualidade em Santa Catarina
 Realizado nos dias 15 e 16 de agosto de 2008, no Instituto Estadual de Educação

Gostaríamos de sua opinião sobre o seminário para planejamento de futuras atividades nos temas do seminário.

1. Dados de identificação

- a) Cidade onde mora _____
 b) Professor de
 Ensino Religioso
 Ciências
 Educação Física
 Outra disciplina. Qual? _____

2. Motivo para participação do seminário:

- Fui entrevistado para a pesquisa ER e gênero
 Trabalho na área de ER
 Trabalho na área de Gênero
 Direção/coordenação de escola
 Outros motivos. Quais? _____

3. Avalie com nota de 0 a 10 as seguintes itens do seminário:

- a. Organização Geral - nota ()
 b. Secretaria - nota ()
 c. Coffee Break - nota ()
 d. Mesas-redondas/conferência - nota ()
 e. Oficinas - nota ()
 f. Planejamento pedagógico - nota ()
 g. Local - nota ()
 h. Hospedagem - nota ()
 i. Almoço - nota ()
 j. Programação cultural - nota ()

4. Comentários e Sugestões (Escreva no verso)

III – SÍNTESE DA AVALIAÇÃO por Maria Amélia Schmidt Dickie

1. DADOS QUALITATIVOS dos avaliadores do seminário

Dados de identificação:

a) Lugares de origem

Local	Quantidade
Angelina, SC	1
Blumenau, SC	2
Buenos Aires, Argentina	1
Camboriu, SC	1
Chapecó, SC	13
Criciúma, SC	12
Florianópolis, SC	27
Itajaí, SC	6
Itapema, SC	1
Jaraguá do Sul, SC	1
Joinville, SC	14
Lima, Peru	1
Palhoça, SC	5
Paulo Lopes, SC	1
Planalto Alegre, SC	1
Porto Alegre, RS	1
Porto Velho, RO	2
São Jose, SC	6
Total de respondentes	96

b) Atividade Profissional

Atuação profissional	quantidade	
Profess@r de	Ensino Religioso	32
	Ciências	4
	Educação Física	1
	Series Iniciais	5
	Outra	33
Alun@s de Ciências da Religião		1
Administração escolar		7
Orientação Educcacional Assistente Pedagogic@		6
Não especificada		7
Total de respondentes		96

c) Motivos para participar do Seminário (foram registradas todas as alternativas colocadas pel@s participantes):

Motivos	quantidade
----------------	-------------------

Foi entrevistad@ para a pesquisa	31
Trabalha com Ensino Religioso	24
Trabalha com Gênero	18
Diret@r de Escola	11
Outros	18
Total de respostas	102

d) Media aritmética das notas atribuídas por cada item do seminário:

	Soma das notas	Número respostas	média
Organização Geral	828,5	94	8,81
Secretaria	797,5	90	8,86
Coffee Break	885	94	9,41
Mesas Redondas/Conferência	799	96	8,32
Oficinas	815	90	9,05
Exercício de planejamento pedagógico	728,5	86	8,47
Local	876,5	95	9,22
Hospedagem	480	54	8,88
Almoço	560	64	8,75
Programa cultural	688	80	8,6
Media geral			8,83

2. AVALIAÇÃO QUALITATIVA

O ultimo item do questionário de avaliação pedia comentários e sugestões. Dos 96 respondentes, 68 ofereceram comentários.

O que apresentamos aqui não tem representatividade numérica e é a compilação do que consta dos questionários de avaliação. Nossa intenção é expor o teor das falas dos participantes. As aparentes contradições em cada item não podem ser assim consideradas, já que não foram opiniões emitidas por uma só pessoa e representam a diversidade de opiniões sobre um mesmo assunto. Sugerimos aos leitores compararem estas falas com a tabela em que são dadas notas às diferentes atividades. Abaixo a sistematização do que foi dito, por temas.

Avaliações espontâneas:

1. Sobre o seminário em geral

Dentre as avaliações negativas, sobressaem as que dizem respeito ao tratamento do tema e à duração do evento. Sobre este último, a sugestão de que o seminário teve duração muito curta, o que ocasionou a limitação de algumas atividades. Sobre o tratamento do tema, três pontos específicos:

a) o seminário não conseguiu abranger a relação entre Ensino Religioso, Gênero e Sexualidade, tendo se detido nos dois últimos e deixado o primeiro em segundo plano. Nesta

direção, a sugestão de que deveria ter sido trabalhada a diversidade religiosa da realidade brasileira.

b) como a temática de gênero não é específica do Ensino Religioso pareceu haver uma tentativa de imposição de conteúdos ao Ensino Religioso.

c) houve pouca abertura para participantes das entidades representativas do Ensino Religioso nos debates.

Dentre as avaliações positivas, muitos agradecimentos pela oportunidade de participar e cumprimentos pela iniciativa de organização do evento e compartilhamento dos resultados da pesquisa. Esta manifestação repercutiu nas opiniões de que o seminário foi muito proveitoso, provocou reflexões profundas que permitem aos professores renovarem suas idéias e suas práticas, adquirir bagagem que contribui para o dia a dia em sala de aula, e que promoveu a aproximação da universidade com as escolas e os professores, oferecendo conteúdos muito ricos.

Sugestões feitas:

- a. Que haja maior divulgação deste tipo de eventos entre a rede de escolas privadas, universidades.
- b. Que a UFSC pense a possibilidade de cursos de formação para professores de ER, seja numa especialização em Ciências da Religião, seja num mestrado, abrindo uma linha de pesquisa nesta área.
- c. Que sejam feitos cursos deste tipo para outras disciplinas também.
- d. Que seja pensada a possibilidade de um novo evento para aprofundar e ampliar a temática.
- e. Que o curso seja dado em mais dias para dar tempo para tudo.
- f. Que o curso seja organizado com mais trabalhos em pequenos grupos por que rendem mais.

2. Sobre a organização:

Ao lado de várias parabenizações pela organização, alguns comentários críticos se referem a quatro pontos: alguns monitores não estavam preparados para dar informações e esclarecimentos; o espaço da secretaria era pequeno demais para a demanda; as atividades noturnas devem ser evitadas por causa do cansaço dos que viajam de muito longe; a forma de controle da presença não foi adequada e causou confusões. O esclarecimento sobre este procedimento deveria ter sido feito com antecedência.

3. Sobre as oficinas:

Consideradas muito produtivas por terem possibilitado uma troca interessante entre os participantes e ter possibilitado expandir o debate para a prática, mostrando como se pode trabalhar o tema na escola. Foi o ponto alto do seminário.

Várias sugestões acompanharam esta avaliação positiva: que haja mais tempo para as oficinas de tal forma que os participantes possam fazer mais de uma; que haja mais oficinas diferentes; que o planejamento pedagógico seja eliminado e o tempo usado para oficinas. Também, que os grupos nas oficinas, sejam menores para maximizar o aproveitamento.

4. Sobre a atividade de planejamento pedagógico:

Considerada muito útil para o trabalho profissional d@s professor@s. O fato de que nem todos os participantes eram professor@s dificultou o bom andamento desta atividade. Ela deveria ter contemplado melhor, questões didáticas de manejo de sala de aula.

5. Sobre gênero e sexualidade:

Dois participantes apontaram criticamente que o sub-tema da homossexualidade foi privilegiado em detrimento de questões de gênero mais gerais. Discutiu-se muito pouco sobre gênero no fazer pedagógico do Ensino Religioso. Numa outra direção, as sugestões indicam que as preocupações com o tema são muito presentes: ele deveria ser trabalhado em seminários para outras disciplinas também e até ser objeto de curso de formação para professores (capacitação ou magister), pois é um tema que deveria ser trabalhado desde a educação infantil. Participante que não é professor@ de ER percebeu muito preconceito sobre gênero e sexualidade entre os professores de ER. Outro que havia muita aversão dos professores para tratar dos temas propostos.

6. Sobre Ensino Religioso:

O ER, sendo uma disciplina que ainda está em construção, necessita que haja mais dialogo com os professores sobre as orientações desta disciplina. Os limites que a lei impõe não dizem respeito a que os programas sejam adaptados à realidade cultural das escolas, mas isto não tem ficado claro.

Os professores de ER têm de estar convencidos da importância dos fundamentos religiosos das diversas tradições e que eles não podem ser afetados pela escola.

O ER não deve ser espaço de questionamento e pensamento sobre a vida, isto seria para a filosofia.

7. Sobre apresentação dos dados da pesquisa:

Foram um pouco repetitivos, no que toca a história e estrutura do ER e dos Cursos de Ciências da Religião no Estado.

Os dados empíricos foram muito valorizados, mas a apresentação dos dados da pesquisa foi rápida demais e teria sido melhor que fossem apresentados junto com uma análise mais detalhada. A realidade dos dados era mais importante do que a teoria.

8. Sobre as palestras:

A crítica mais presente foi aos apresentadores que leram seus textos, seja no papel, seja no Data Show, que deve conter menos texto e mais ilustrações. Houve pouca didática e reflexão pedagógica nestes palestrantes.

Algumas palestras e apresentações repetiram informações.

Deveria haver mais tempo para as palestras com maior tempo para debates. Nestes, a mesa deveria selecionar antecipadamente as perguntas para evitar as que ficam deslocadas quanto ao tema e perturbam o andamento do debate.

As palestras foram bem preparadas e elaboradas. Mas deveria haver mais pessoas ligadas à área específica de Ensino Religioso como palestrantes.

09. Sobre a pesquisa:

Dois participantes compreenderam, erroneamente, que a pesquisa havia sido feita em somente 5 escolas e criticaram a insuficiência da amostra.

Houve a sugestão de que a pesquisa seja feita sobre a relação de Gênero com outras disciplinas.

Os pontos positivos: a comunicação entre escolas e a UFSC; o compromisso dos pesquisadores com as realidades das escolas que precisam desta atenção por estarem muito sozinhas nas suas responsabilidades.

10. Sobre a hospedagem:

Não foi informado que os participantes deveriam trazer toalhas e outros utensílios para o preparo do jantar (talheres, panelas).

11. Sobre o almoço:

Não houve esclarecimentos sobre por que alguns professores receberam almoço e outros não. Todos deveriam ter recebido. O lugar para almoço era muito pequeno e incomodo.

12. Coffee Break:

Deveria ser melhor controlado o horário de serviço do lanche para não ocasionar a o esgotamento rápido dos alimentos.

13. Sobre o local no evento:

Considerado inadequado porque, por sua localização central, facilita a dispersão das pessoas.